

PAGINAS ESCOLHIDAS

A VOZ

Vibra na tua voz, de um perfido atractivo
Um ritmo fatal, dissolvente, impressivo,
Que me accelera o impulso ao sangue impetuoso;
E, docil ao seu timbre electrico, expressivo,
Meu ouvido o reflecte, em fremito nervoso.

No som dominador, na imperiosa ternura,
Exhala sensações fluctuantes; — a loucura,
A vertigem, a febre; e — estranha phantasia!
A embriaguez cruel, que affaga, que tortura,
Um philtro musical, um vinho de harmonia.

Exerce sobre mim um brando despotismo,
Que me orgulha, e me abate; e ha nesse magne-
tismo

Uma força tamanha, uma electricidade,
Que me fascina e prende ás bordas de um abysmo,
Sem que eu tente fugir, inerte, sem vontade.

Assim como o pendor, facil, accidentado,
De rocha de crystal, que a lympha tem cavado,
Presta á onda, que o mina, o voluptuoso dorso,
Por onde ella espreguiça o corpo perfumado,
Indolente, a rolar, sem o minimo esforço;

Não de outro modo, assim, ao som da tua falla,
Ha um declive doce, extatico, que embala,
No fundo de minha alma, a voz tremente,
Que em meandros subtis, invisiveis, resvala,
E penetra-lhe o abysmo harmoniosamente...

THEOPHILO DIAS.

PIE DADE SUPREMA

No grande castello de Coventry reinava o silencio. Na sala d'armas, na capella, tudo quieto, adormecido. Sonorava apenas no lagado o cadenciado passo do archeiro da ronda. Ao longe sussurravam bosques e nos fossos negros dormia a agua, reflectindo estrellas.

No vasto aposento forrado de tapeçarias, perto da roca, estava a castellã gentil, meiga, nimbada de graças e beleza. Tinha olhos suaves, labios enrubescidos de mocidade, longos cabellos derramando ouro, cintura de princeza. Entre mãos finas corria-lhe o linho alvo, devagar, manso e manso, como se dos dedos lyriacs se escapasse neve. Perto da castellã sentava-se o marido, o barbaro conde, cuja crueza era o terror da região. Rosto sombrio e duro, sorriso de inflexivel ironia no canto da bocca sardonica, modos bruscos, accenos impacientes.

Fallava á joven esposa da rebeldia dos vassallos. Tudo gentilha irrequieta, incontentavel, que só dominava o medo. Não a poupava aliás, fazia pezar-lhe aggressor e fero o jugo despota de vontade tyrannica. Com a força esmagava consciencias e corações estertegava. Pois dir-se-ia que não tinha poder para domar a plebe?

Lady Godiva ouvia calada as imprecações do marido. Olhava para a janella aberta. Nascia-lhe no peito a piedade. A noite regumava paz e doçura. Scintillavam os arabescos de diamante dos astros. Sempre o passo do archeiro da ronda vibrava na quietude nocturna.

Intensa era a colera do conde. Nem um rebate de misericordia, um grito d'alma. No intimo do ser apenas a dureza petrea da rocha. Sentia-se lady Godiva cada vez mais inclinada á compaixão. Por fim, resoluta, dirigiu-se ao feroz marido;

— Senhor, gemem os povos sob o peso dos impostos. Custar-vos-ia um pouco de clemencia? Não semeai na vida só lagrimas e queixas. Mórto, ser-nos-á cara a memoria da saudade. Perdoai aos vassallos, não os vexai tanto.

— Como, pois ousais defender indignos servos? Sim, hei de protegê-los e

mendigar pão nas estradas. As torres de Coventry cahirão em ruinas e o brazão avoengo ruiá vilmente no pó. Não fosseis minha mulher... Substituir a justiça pela piedade, o braço pelo coração. Ninguém será perdoado, o povo terá novos impostos, salvo... Passo adiante. não accitáreis a lembrança.

Brincou-lhe um sorriso mau nos labios descorados e sarcásticos.

— Uma condição. Qual? Dizei depressa.

Parava a roca. A joven condessa, de olhos postos no marido, seio arfante de emoção, esperava.

— Ireis pela cidade, a cavallo, nua como a criança que acaba de nascer, expondo-vos ás vistas de todos? Reconhecereis á impossibilidade da idéa.

— Será a plebe alliviada?

— Sim, juro.

— Acceto o ajuste. Cumprirei amanhã a palavra.

O fidalgo não vacillou. Julgava aquillo simples capricho feminino. A condessa pediu venia para retirar-se aos seus aposentos. Alli chegando aproximou-se da janella. Contemplou a vastidão cheia de estrellas. As lagrimas do infinito pareciam aconselhar-lhe que enxugasse os terrenos prantos. No grande leito, de armarias no sobre-céu, adormeceu a moça pensando em sonhos no terrivel dia seguinte.

Sóu emfim a hora do pacto fatal; suspirando, um por um, a joven condessa despiu os vestidos. Por ultimo cahiu-lhe a camisa e surgiu um corpo polido, marmoreo, lapidario. Um deslumbramento de carne rosea e fresca. Assim desceu a escadaria do castello; lenta como se cada passo fosse a agonia do pudor. Caminhava pela cidade, nua da cabeça aos pés.

Desertas as ruas, nem uma sombra junto aos muros. Janellas hermeticamente fechadas. portas de ferrolho corrido. Vasta necropole desamparada e silente.

Lady Godiva andava sempre, envergonhada da propria nudez; mas corajosa, decidida ao sacrificio. Nenhum habitante da cidade quizera vexar aquella formosura livre de véos, olhares indiscretos não lhe profanavam a pureza.

Sol a pino, faiscante. Nem siquer doce penumbra onde pudesse apparecer menos aquella carne victoriosa e moça. A castellã de Coventry ia devagar. Esparziam-se-lhe nos hombros em ondas flavas as madeixas de ouro como um manto real; o collo desprotegido alvejava lyrios, roseado por dois pomos lacteos-tremantes; as esculpidas pernas, os pésinhos calçados de neve, recebiam a caricia da luz.

No rosto da patricia havia leve magua e o carmim do pudor as faces lhe tingia. Adoravel, mais pudica do que coberta de trajés ricos. Sentia pelo coração a generosidade dos vassallos que, enclausurados, affrontavam a colera do conde. Lançava meiguissimo olhar para todas essas casas onde a gratidão respeitava a innocencia.

Acabava de peregrinar. Percorrida a cidade, voltava ao castello cujas torres potentes se levantavam alterosas. No topo da escadaria o fidalgo a esperava com o habitual sorriso mau, vislumbrado de despeito.

Adiantava-se a joven condessa, dominadora, formosa, com ares de rainha e deusa, e apenas o seu pesinho beijava o marmoreo do ultimo degrau, da cidade ao céu azul se erguia o côro das preces dos oppri midos, a grata nenia das la,

grimas. O firmamento radiava de fulgores, palmas de triumpho como que do alto desciam, soavam canticos de aves, e a immaculada, a suave creatura sorria, no ouro do sol, deliciosa e clara, na apothecose serena d'uma gloria de amor abençoada e branca.

ESCRAGNOLLE DORIA.

1891.

TERCEIRO CONCURSO LITTERARIO

3º PREMIO DE PROSA

ROMANGE DE UM PUNHAL

Desde que o *vahí* Abderrahman lhe roubara a noiva, n'uma noite de estio em que o azul do céu chovia sobre a prata do Ebro, Al-Khodi, o agareno alfageme de Saragusta tinha os olhos em pranto... Horas perdidas ficava elle, olhar triste e piedoso, fitando os altos minaretes azues da Aljaferia que Abu-Giafar-Ahmed mandara alevantar, ou as volutas e florões e os arabescos talhados nas columnas corinthias da mesquita onde, após a derrota dos Barbaros do Norte, os Mouros celebravam no ritual estranho de Al-Khoran...

Ora ia ver as campinas sahindo pela grande porta da cidade que a cimitarra dos arabes guardava ciosamente; ora contemplava as escadarias de marmore e as arcarias esculpidas e as curvas abobadas do palacio do Khalifa.

Abandonara inteiramente a arte; assim diziam os outros espadeiros do Khalifado. Não foram poucos, no entretanto, os que diziam trabalhar Al-Khadi, facetando obras custosas para chefe arabe que ninguem nomeava. Almocadens encomendavam-lhe fortes broqueis de couro gravado a fogo; emissarios secretos de adais infieis vinham pedir-lhe leves adagas flexiveis de aço de Toledo.

O agareno recusava.

E' que um dia lhe sahira das mãos o pequenino punhal recurvo, obra-prima de delicadeza e arte, cuja historia lamentosa ainda agora hespanholas de olhos velludosos narram aos namorados nas almargens floridas de Saragossa.

Era um diminuto punhal. A folha damasquina, adducida a primor, tinha a limpidez do olhar das virgens; e nella um cinzel de artista desenhara caprichosamente amores e satyros, flores e tropheus arabescados que o armeiro adamascara em oiro sobre fundo negro. Mão delicadissima puzera nas volutas da guarda esculpturas em marfim dourado onde entre folhas de acantho e petalas de amaryllis nymphas se banhavam num rio cascadeando esmeraldas.

O punho era de cobre finissimo bordado de incrustações de prata. Encimava a maçan toda esculpida em relevo uma cruz pequenina que o esmeril trabalhara com apurado capricho. E na lamina clara punha fulgurações um nome de mulher que, em fita curva e desdobrada a meio, pombos levavam, caminho de ceus longinquos ensombrados de mysticismos e segredos.

Em nenhum tempo mais perito buril se esmerara em recortar mais delicado primor: o onglete jamais trabalhou mais custosos labores em folha mais cuidadosamente açacalada.

**